

*Natalia Czopek*

Universidade Jagellónica  
de Cracóvia

## MODOS ESPANHÓIS E PORTU- GUESES NA EXPRESSÃO DE PROBABILIDADE, DÚVIDA, CERTEZA E CONHECIMENTO

Nas línguas espanhola e portuguesa, o conjuntivo, tal como o indicativo, pode ser facilmente definido como um dos meios de expressão das modalidades epistémica e deôntica, assim como das modalidades oracionais. O falante recorre às suas formas para transmitir diversos conteúdos modais. Em ambas as línguas registamos casos de alternância modal nas mesmas circunstâncias linguísticas, pois nenhuma das formas verbais representa uma só modalidade e, graças a este fenómeno, são capazes de descrever todas as subtilezas linguísticas de maneira muito precisa. A alternância, na maioria dos casos, provoca mudanças significativas dentro do enunciado, pois os dois modos revelam um alto rendimento semântico. No entanto, certos contextos costumam “preferir”, por exemplo, as formas do conjuntivo cujos valores, por conseguinte, não contrastam com os do indicativo e têm de ser analisados separadamente. Por conseguinte, podemos concluir que a análise dos empregos de ambos os modos no espanhol e português ficaria incompleta sem combinarmos os critérios semântico e sintáctico, juntando-os com o critério pragmático.

Vejamos, então, qual é o papel do processo de alternância modal das formas do indicativo e conjuntivo na expressão de probabilidade, dúvida, certeza e conhecimento nas línguas espanhola e portuguesa.

### 1. Expressão de probabilidade e dúvida na língua espanhola por meio de conjuntos *advérbio + indiactivo / conjuntivo*

Começamos pelas orações com advérbios de valor epistémico de probabilidade como *quizá, tal vez, a lo mejor, probablemente, posiblemente, sin duda*, etc. acompanhados das formas de um dos modos verbais. A sintaxe define enunciados deste tipo como independentes, ou seja, privados de qualquer elemento introdutório que influencie a escolha do modo. Alguns linguistas atribuem o papel do elemento subordinante ao advérbio de probabilidade<sup>1</sup> cujo estatuto sintáctico, segundo outros, é demasiado baixo para condicionar a dita escolha.

---

<sup>1</sup> Molho (1975: 392–393): *todas esas frases se hallan en la dependencia de una idea mirante implícita, de la que resulta una idea mirada hipotética, cuya hipótesis se significa léxicamente en los citados adverbios o locuciones adverbiales.*

Nós, porém, vamos empregar aqui o critério de atitude mental do falante porque o critério sintático não nos parece nem suficiente, nem satisfatório neste caso. Vejamos alguns exemplos:

1. *Quizá el edificio civil más representativo de la época es la llamada Casa de las Conchas de Salamanca (MH 5: 3).*
2. *Aparecerán nuevos argumentos y quizá nunca se diga la última palabra sobre este asunto (MH 5: 45).*
3. *Acaso no se pueda ni se deba valorar moralmente: las cosas eran y siempre habían sido así (MH 5: 31).*
4. *Sus creadores dicen que a lo mejor hacen la cuarta entrega de la película (Q 141: 132).*
5. *Pero una profesora de Historia Antigua de la UNED acaba de descubrir que tal vez no fuera así (MI 299: 41).*
6. *“Parece que en nuestra evolución hemos tenido el infortunio de llegar a ser cada vez más ancianos y a la par menos importantes aunque tal vez esto es así porque no puede ser de otro modo” (MI 290: 78).*
7. *Se indujo a la movilización criminal y probablemente fuieron los del narcomenudeo los del infundio mortal (P 1465: 8).*
8. *Probablemente una de sus misiones más espectaculares haya sido acompañar a los astronautas de la NASA a la ISS para estudiar el efecto del viaje espacial en los genes (MI 306: 69).*
9. *Posiblemente sea una persona con una tendencia a vivir de manera más rutinaria, a no conocer ni lugares ni situaciones nuevas (MI 299: 62).*
10. *[...] el homínido desventado posiblemente fue alimentado por sus congéneres (MI 290: 41).*

Analisando os exemplos citados podemos constatar que, como regra geral, nos enunciados deste tipo pode aparecer tanto o indicativo, como o conjuntivo. Este emprega-se quando o locutor considera uma ação menos provável ou menos realizável. Assim, o conjuntivo intensifica a condição de probabilidade. O indicativo, por sua vez, usa-se quando a dúvida se aproxima mais a uma afirmação ou uma negação. O advérbio *a lo mejor* constitui aqui uma exceção porque não costuma ser acompanhado do modo conjuntivo.

Em todas as frases acima citadas o advérbio antecede o verbo. Todavia, uma das características dos referidos advérbios é a sua capacidade de mudar de posição dentro do enunciado. Assim, se analisarmos outros exemplos nos quais o advérbio é precedido pelo verbo, reparamos numa preferência arrebatadora pelo indicativo. Incluindo agora o critério sintático, podemos deduzir, por um lado, que o advérbio influencia o verbo apenas quando o precede mas quando colocado depois deste, funciona como um tipo de comentário adicional do falante, o que aumenta o nível de precisão da mensagem. Por outro lado, é também aceitável a teoria segundo a qual o advérbio tem no seu escopo a frase toda, modificando o seu significado independentemente da posição na qual se encontra. Por conseguinte, a influência que exerce sobre o verbo é redundante. O falante faz uma afirmação empregando o modo indicativo mas em seguida adiciona um comentário, ou seja, um advérbio de dúvida, que diminuiu o grau do compromisso com a veracidade da mensagem transmitida. Vejamos alguns exemplos:

11. *Pedro fue quizás el apóstol más allegado a Jesús (MH 4: 63).*
12. *El evangelio de la Verdad presenta, quizá, la versión más simple, pues desarrolla la realidad tangible a partir de la materialización de pasiones [...] (MH 4: 86).*

Citemos ainda um enunciado que pode comprovar a influência exercida por um advérbio na frase toda. Como se vai referir posteriormente, o advérbio *sin duda* normalmente não se emprega com o conjuntivo. No entanto, quando este aparece acompanhado de outro advérbio de probabilidade ou dúvida, a frase pode mudar de significado. Assim, a frase:

13. *Lo que nadie pone en duda (=sin duda) es que posiblemente sea el mejor medio de iluminación que exista (MI 299: 15).*

sem o advérbio *posiblemente* continha uma constatação de um facto. O falante, por meio deste advérbio procedido de um verbo no conjuntivo, adiciona uma marca de incerteza em relação à mensagem transmitida que afecta toda a frase e justifica o uso do conjuntivo reflectindo o distanciamento do locutor.

Observamos também que quando o advérbio de probabilidade não faz referência ao conteúdo do enunciado mas sim a uma outra situação mencionada no contexto, o modo que se costuma empregar é o indicativo:

14. *Quizás por eso aún se conservan costumbres como antaño [...] (G 233: 125).*  
 15. *Tal vez por eso es muy escaso el tratamiento del tema en la literatura mexicana (P 1465: 11).*

O locutor, nos exemplos acima citados, faz referência a uma das causas prováveis da situação descrita. Ao mesmo tempo, mostra que não tem conhecimentos acerca da relação entre esta causa e o efeito apresentado no indicativo. O advérbio não abrange o conteúdo da frase que é uma constatação de uma situação real.

## 2. Expressão de probabilidade e dúvida por meio de conjuntos *elemento introdutório + indicativo / conjuntivo*

Os conjuntos *advérbio de probabilidade ou dúvida + forma modal* não são os únicos meios de expressão dos ditos matizes numa oração. No nosso *corpus* encontramos exemplos de orações subordinadas substantivas que admitem esta interpretação semântica. De início, vejamos alguns exemplos de estruturas constituídas por um verbo copulativo acompanhado de um adjectivo ou de um substantivo que transmitem uma ideia de probabilidade, possibilidade ou dúvida e cuja subordinada funciona como sujeito da frase:

16. *La posibilidad de que alguien puédiera ser llevado ante un juez sin garantías jurídicas fue un momento delicado de la historia española [...] (MH 5, p. 8).*  
 17. *¿Cómo es posible que el hijo de Dios y nacido sin pecado se bautice para limpiarse de ellos? (MH 4: 11).*  
 18. *Es muy posible que hubiera entrado en un proceso de deterioro mental que algunos historiadores han atribuido a las secuelas de heridas de guerra (MI 306: 134).*  
 19. *Su vida pública y su contacto permanente con pescadores hacen casi imposible que el Mesías fuera un esenio (MH 4: 33).*  
 20. *El capítulo de la marcha por el desierto como consecuencia de la “Matanza de los Inocentes” parece poco probable que ocurriera (MH 4: 57).*  
 21. *Sabemos que los marineros también eran púnicos y que, en consecuencia, el puerto de origen más probable fuere Cartago (MI 301: 124).*  
 22. *Carlos Jiménez duda, no obstante, que Salinas tenga ante Roberto Madrazo la fuerza que se dice (Vér 189: 13).*

Notamos aqui o emprego exclusivo do modo conjuntivo. A interpretação deste facto parece ser óbvia: o falante, ao referir-se a acções ou situações possíveis ou prováveis, não se compromete com a veracidade da oração subordinada o que confirma ao escolher certos adjectivos ou substantivos na oração subordinante. Reparemos que o conjuntivo se utiliza tanto nas orações afirmativas como nas interrogativas (17) ou negativas (19). Além disso, é usado para exprimir vários graus de probabilidade ou negação implícita no verbo principal (22). As diferenças entre estes enunciados e os anteriormente citados são muito interessantes: enquanto nos enunciados com advérbios de probabilidade a alternância modal desempenha um papel semântico muito importante, aqui o locutor escolhe uma estrutura capulativa ou um verbo adequado para introduzir o matiz pretendido. O conjuntivo é utilizado para designar um maior grau de probabilidade, como no exemplo (18) e para exprimir incerteza e dúvida, como nos exemplos (19) e (22). Assim, pensamos poder constatar que estamos aqui perante um certo tipo de conjuntos ao significado dos quais correspondem semanticamente as formas do conjuntivo. A escala de possibilidade e dúvida fica reflectida nos primeiros elementos dos ditos conjuntos o que faz com que as formas do indicativo sejam semanticamente redundantes.

A nossa interpretação pode ser comprovada por mais um grupo de exemplos formalmente distintos. É notável que aqui também aparece exclusivamente o conjuntivo. Assim, o falante assinala que não tem a certeza ou não se quer comprometer com a veracidade da mensagem transmitida e que o conteúdo da subordinada são puras especulações:

23. *También pudo ser Judas el elegido y que se ofreciera con el fin de expiar su traición (MH 4: 80).*
24. *Puede que no lo sepa, pero un neumático Michelin puede dar más de una vez la vuelta al mundo (MI 306: 147).*
25. *[...] pudiera ser que no hubiese nada, que el mundo se acabara tras ese vaho blanco e inmóvil [...]. (G 233: 34).*

Como já pudemos notar, no nosso *corpus* o conjuntivo é o modo que prevalece na expressão de probabilidade e dúvida. Encontrou-se apenas um caso de emprego do indicativo em orações deste tipo:

26. *En 1987 el oncólogo Richard Stevens lanzó la hipótesis de que el uso de la luz eléctrica podía ser un factor a tener en cuenta en la aparición del cáncer de mama (MI 306: 156).*

O substantivo *la hipótesis*, sendo esta uma suposição de um facto que deve ser comprovado porque pode resultar tanto em possível como impossível, introduz aqui o mesmo matiz que as construções acima referidas. No entanto, a alternância modal provoca neste exemplo certas mudanças modais, pois com o indicativo a acção de *poder ser un factor a tener en cuenta en la aparición del cáncer de mama* é mais verosímil. Ao mesmo tempo, o verbo *podía* parece levar traços de potencialidade.

### 3. Expressão de certeza e conhecimento na língua espanhola por meio de conjuntos *elemento introdutório + indicativo / conjuntivo*

Para contrastar, o grupo de orações que passaremos a analisar inclui exemplos nos quais o locutor considera verdadeira e actual a existência e a realização das acções

referidas, independentemente da sua veracidade objectiva. Estes exemplos são marcados, então, pelas modalidades declarativa e epistémica. Na oração principal encontramos uma avaliação da veracidade do conteúdo representada por meio de um verbo ou uma expressão de conhecimento e certeza que constituem os primeiros elementos do conjunto semântico. Estes, de acordo com todas as teorias, devem ser seguidos pelas formas do indicativo por exprimirem uma ideia tética.

É importante assinalar que a nossa base nos fornece exemplos pouco diversificados. Começemos pelos enunciados com verbos ou expressões de conhecimento e certeza:

27. *Fernando estaba seguro de que aquel aventurero no iba a volver (MH 5: 25).*
28. *No se puede negar que llevamos cuarenta años operando reactores nucleares en muchos países europeos [...] y no ha habido ni un solo accidente civil (MI 306: 160).*
29. *No dudan de que el déjà vu naturalmente está causado por fragmentos de recuerdos de vidas pasadas [...] (CM 103: 72).*
30. *[...] la abuela materna siempre tiene la certeza de que los hijos de su hija llevan sus genes (MI 290: 44).*

Em todos os exemplos acima citados utilizou-se o modo indicativo, pois a expressão de conhecimentos e de acções consideradas como verdadeiras, actuais e específicas é a função principal deste modo. Para comprovar este facto, vejamos mais exemplos do indicativo usado em orações deste tipo:

31. *Claro está que no fueron ochocientos años de luchas constantes (MH 5: 42).*
32. *Es bien conocido que España es tradicionalmente una sociedad optimista respecto al desarrollo científico [...] (MI 301: 30).*
33. *Es obvio que un pueblo capaz de crear una cuerda con etiquetas de caramelo tiene una invencible capacidad de resistencia (P 1465: 45).*
34. *Es cierto que los dragones encarnan el bien o el mal dependiendo de las culturas, pero también es verdad que cualquier leyenda tiene su origen en la realidad, aunque posee mucho de ficción (MI, 292: 9).*
35. *Está constatado científicamente que los pesticidas tienen efectos neurológicos, reproductivos e inmunológicos y cancerígenos (MI 299: 128).*
36. *Tenemos pruebas de que esta empresa ordena trabajos que luego se niega a liquidar (P 1465: 37).*

Todas as expressões e estruturas copulativas incluídas aqui manifestam a ideia de certeza, de conhecimento e de compromisso com a veracidade do conteúdo da oração subordinada. No nosso *corpus* encontramos apenas um exemplo do uso do conjuntivo nesta situação:

37. *Lo más seguro es que sólo pretendieran transmitir el hecho de que Herodes mató a dos de sus hijos para evitar que trataran de usurparle su puesto (MH 4: 57).*

Opinamos que o locutor, apesar de empregar a expressão de entrada *lo más seguro es que*, tenciona não se comprometer com a veracidade de *pretender transmitir* por achar este compromisso pouco significativo para o conteúdo do enunciado ou por não possuir conhecimentos suficientes acerca dela.

Finalmente, citemos mais um exemplo que mostra de maneira mais clara a função da alternância modal nestes contextos:

38. *No es cierto que Einstein buscara esa constante, sino que aparece de manera natural en la relatividad especial (MI 301: 15).*

Mais uma vez se confirma que o locutor emprega o conjuntivo para falar de acções que considera como falsas enquanto que o indicativo aparece para expressar o compromisso com a veracidade da acção referida.

4. Expressão de certeza e conhecimento na língua espanhola por meio de outras construções

Resta-nos dizer ainda uma palavra sobre a expressão *el hecho de que* e outras semanticamente parecidas:

39. “*Te sientes fuerte, pues te ves respaldado por la masa, pero sientes miedo como individuo, pues sabes que el que ganes sólo depende de ti mismo*” [...] (MI 299: 84).
40. *El hecho de que los indios no reconocieran el concepto de propiedad privada de la tierra les llevó al enfrentamiento final con los pioneros* (MH 6: 24).
41. *El que llamaran Stilo a su sucesor fue porque sonaba más internacional y menos italiano* (Q 141: 150).
42. *Milagroso parece el hecho de que los sortilegios evangélicos hayan llegado hasta nuestros días* [...] (MH 4: 68).

Notamos que algumas das orações referidas introduzem factos conhecidos pelo locutor que chegaram a realizar-se, como no exemplo (40). No entanto, também há casos nos quais estas acções se apresentam como eventuais, hipotéticas ou posteriores e, assim, não realizadas, como no exemplo (39). A relação temporal de anterioridade, como no enunciado (41), faz-nos pensar que a dita acção se realizou, enquanto que a relação de posterioridade leva uma marca de hipótese. Todavia, certo é que, independentemente das circunstâncias, se emprega aqui o modo conjuntivo. Opinamos que este facto se explica pela colocação do segundo elemento do conjunto semântico na posição periférica ou temática em relação ao resto do enunciado. Paralelamente, o exemplo (42) pode ser interpretado como um meio de expressão de opinião ou comentário. Vejamos ainda exemplos com o indicativo que são muito menos numerosos:

43. *Como en el caso de otros milagros, la primera teoría crítica se refiere al hecho de que éste es narrado sólo por san Juan y ni siquiera mencionado por los otros tres* (MH 4: 70).
44. *Sin embargo, se ha colado un error: el tomatillo sólo tiene en común con el tomate el hecho de que ambos son solanáceas* [...] (MI 301: 17).

O indicativo introduz aqui uma marca informativa. O falante decide informar o ouvinte sobre os factos que julga serem verdadeiros, por considerar que este não possui os mesmos conhecimentos. Assim, mais uma vez, o valor das orações indicativas é altamente informativo enquanto a função principal das conjuntivas é avaliativa e temática.

5. Expressão de probabilidade e dúvida na língua portuguesa por meio de conjuntos *advérbio + indiativo / conjuntivo*

O estatuto das orações deste tipo como independentes foi discutido na parte anterior.<sup>2</sup> Ao nível da interpretação, não podemos empregar aqui o critério de atitude

<sup>2</sup> Cf. também Hub Faria (1974: 5): *o aparecimento do Conjuntivo insere-se sempre numa estrutura de complementação, isto é, não existem Conjuntivos independentes, como pode à primeira*

mental do falante como critério único. Este tem de ser combinado com o critério sintáctico que resulta imprescindível praticamente em todos os casos. Leiam-se alguns exemplos de enunciados de probabilidade:

45. *Talvez seja melhor para todos que as forças estrangeiras se vão já embora* (V 561: 70).
46. *Mas quando lhe perguntamos se não estará a adiar a decisão porque preferia fazer algo profundamente obscuro [...], responde seriamente: «Sabe, talvez gostasse disso, de facto. Talvez fosse divertido»* (V 597: 100).
47. *Mostra que talvez as pessoas que não gostam dos franceses deveriam lembrar-se de que nunca teríamos sido independentes sem o apoio da França* (V 561: 79).
48. *Esta típica saudação cordial do agente secreto preferido de todos é talvez a frase mais famosa da história do cinema* (V 510: 8).
49. *“Se for para um clube ou outra selecção, provavelmente you ganhar o dobro do que estou a ganhar”* (V 709: 34).
50. *O treinador José Romão terá provavelmente lido a “História Natural do Futebol”* (V 599: 81).
51. *Ou, acaso tal evocação esteja já em curso no recato das intenções de V. Excia.* (V 597: 66).

Analisando os exemplos citados, podemos constatar que, como regra geral, nos enunciados deste tipo pode aparecer tanto o indicativo, como o conjuntivo, sendo o domínio deste bem visível. O conjuntivo emprega-se aqui com determinados advérbios e a alternância modal não desempenha nenhum papel significativo, mostrando-se por vezes até incorrecta. Perante esta análise, notámos que o advérbio *talvez*, o mais frequente nos nossos exemplos, aparece, na maioria dos casos, precedido pelo conjuntivo. Esta observação confirma-se até no enunciado (47), já que o falante empregou nele uma forma do potencial que, muitas vezes, possui os mesmos traços que o conjuntivo. Este facto facilmente se explica, pois o que o falante pretende expressar é uma sugestão delicada ou um conselho irónico e não uma dúvida ou um valor hipotético. Assim, a forma do potencial e o advérbio *talvez* marcam aqui o valor deontico. Podemos generalizar que a aparição deste advérbio numa oração pressupõe a procedência das formas do conjuntivo.<sup>3</sup>

No entanto, quando a forma verbal antecede o advérbio, como no exemplo (48), observamos uma preferência pelo indicativo. Este facto, na maioria dos casos, explica-se pelas funções afirmativa e informativa dos referidos exemplos que se marcam graças à anteposição do verbo no indicativo. Assim, o advérbio *talvez* é apenas um tipo de comentário do falante.<sup>4</sup> Chegámos à conclusão que o uso do conjuntivo pode ser determinado pela posição relativa do sintagma verbal e opinamos ser possível empregarmos aqui a explicação apresentada para o mesmo caso na parte anterior.<sup>5</sup>

---

*vista parecer em estruturas de superfície. [...] Não há classes definidas de verbos que implicam Conjuntivo mas existem graduações entre eles. [...] O Conjuntivo é determinado pela existência de elementos abstractos na frase-mais-alta como verbo-mais-alto, negação ou tempo.*

<sup>3</sup> Cf. Fonseca (1970: 148–149): *A oposição conjuntivo / indicativo não tem valor funcional, é apenas uma questão de realização obrigatória. Poderíamos admitir a possibilidade de dizer “Talvez virá”, sem que isso alterasse o significado da frase, mas a norma não permite tal realização.*

<sup>4</sup> Cf. Quinteira Pires (1998: 81).

<sup>5</sup> Cf. Almeida Vieira dos Santos (2003: 154–155): *estamos agora perante um dos elos mais fracos da cadeia, sobretudo quando constatamos que o «conjuntivo» desaparece como por encanto sem que isso afecte o valor “potencial” assim que invertermos a ordem dos elementos da frase. [...]*

Observámos também na língua portuguesa que quando o advérbio de probabilidade faz referência a uma situação mencionada anteriormente e não ao conteúdo do enunciado, emprega-se o indicativo:

52. *Talvez por isso, a guerra surda no sector há-de continuar...* (V 561: 59).  
 53. *Talvez por isso e pelo mérito dos seus enólogos, Jorge Manuel Pintão e Luís Rodrigues, os vinhos do Porto [...] atingem elevados níveis de qualidade* (V 737: 81).

Formalmente, estamos aqui perante dois exemplos de orações causais. O locutor faz referência a uma causa provável da situação descrita que se mencionou antes. Simultaneamente, mostra um compromisso muito restrito com a existência da relação entre esta causa e o efeito apresentado no indicativo. O advérbio, então, não abrange o conteúdo da frase que é uma constatação de uma situação real na qual se emprega o indicativo.

Voltando à nossa análise, reparámos que nos exemplos (49) e (50) o advérbio *provavelmente* aparece acompanhado do modo indicativo. Quando o falante quer diminuir o grau do próprio compromisso com a veracidade do conteúdo da oração, aproveita as formas do futuro composto do indicativo que costuma ser empregado na linguagem jornalística precisamente com este fim. Seja como for, o falante escolhe sempre o indicativo o que acontece também nos seguintes exemplos com o advérbio *se calhar*:

54. *Se calhar há lá muita coisa interessante...* (V 561: 50).  
 55. *“Se calhar ainda vamos lá dar um salto”* (V 490: 100).

#### 6. Expressão de probabilidade e dúvida na língua portuguesa por meio de conjuntos *elemento introdutório + indicativo / conjuntivo*

Obviamente, os advérbios de probabilidade e dúvida não são os únicos meios de expressão destes matizes numa oração, pois várias orações subordinadas substantivas encontradas no *corpus* português podem interpretar-se da mesma maneira:

56. *É provável que o major Mariz dos Santos tenha algo a partilhar com os seus camaradas acabados de chegar* (V 561: 66).  
 57. *É pouco provável que os supostos testemunhos se tenham fundamentado em fotografias* (V 534: 47).  
 58. *Outros jornais ponderaram [...] publicar parte do conteúdo dos CD, não sendo de excluir que alguém o divulgue em breve na Internet* (V 597: 60).  
 59. *Como é possível exercerem outras funções, nomeadamente a proximidade que devem ter às populações?* (V 490: 48).

---

*é este tipo de frase o argumento mais forte que encontramos para o tratamento do «conjuntivo» como um «modo verbal» regido.* Todavia, a mesma autora afirma também que não são os advérbios que pedem o conjuntivo mas formam com ele uma combinação de traços. O advérbio, quando separado por vírgulas, deixa de fazer parte desta combinação e torna-se advérbio de frase. Nesta situação, já não há razões para a obrigatoriedade de combinação semântica entre os traços dos dois elementos. Cf. também Fonseca (1970: 149–150): *E como estes há outros casos acerca de que fiquei hesitante ou até perplexa. Aqui registo estes como exemplo, esperando que a sua apresentação possa suscitar a explicação que eu não soube encontrar.* O que se chega a afirmar, no entanto, é que os valores de possibilidade, eventualidade, etc. não resultam apenas do conjuntivo mas duma *combinatória sintáctica* modo + advérbio.

Facilmente se nota que o único modo utilizado aqui é o conjuntivo.<sup>6</sup> O falante não se compromete com a veracidade da oração subordinada o que é lógico quando se refere a acções ou situações possíveis ou prováveis. Esta falta de compromisso expressa-se por meio de certos adjectivos ou substantivos na oração subordinante cujo valor fica reforçado pelas formas do conjuntivo na subordinada. Além disso, reparámos que o conjuntivo se utiliza para exprimir diferentes graus de probabilidade.

O exemplo (59) é interessante pois contém uma construção tipicamente portuguesa, isto é, o infinitivo pessoal.<sup>7</sup> Não sendo este o tema principal do presente trabalho, assinalemos apenas que o seu emprego é sintacticamente condicionado e a alternância com o conjuntivo não introduz quaisquer mudanças significativas.<sup>8</sup>

O último grupo de exemplos que encontrámos no nosso *corpus* é constituído por orações subordinadas com verbos intransitivos semanticamente equivalentes às estruturas acima mencionadas. É notável que aqui também apareça o conjuntivo quando o falante pretende assinalar as mesmas matizes:

60. *Pode ser que isso nos anime* (V 505: 58).

61. *Pode acontecer que os tornozelos e pulsos tenham alguma vantagem mecânica que os protege da doença* (V 510: 105).

#### 7. Expressão de certeza e conhecimento na língua portuguesa por meio de conjuntos *elemento introdutório + indicativo / conjuntivo*

Como já referimos na parte relacionada com a língua espanhola, quando o locutor faz avaliação da veracidade da mensagem que quer transmitir considerando-a verdadeira, actual e conhecida, assinala este facto na oração principal por meio de um verbo ou de uma expressão de conhecimento e certeza que, logicamente, devem

<sup>6</sup> F.I. Fonseca (1970) assinala que, embora não sejam muito correntes, podem-se encontrar casos do uso do indicativo depois de *é possível que*, sobretudo em frases interrogativas. Este indicativo, no entanto, tem apenas valor estilístico que anula o valor de eventualidade e caracteriza o estilo de vários autores de língua portuguesa, por exemplo, de Padre António Vieira. Cf. também M. Said Ali citado por Almeida Vieira dos Santos (2003: 163): “*é possível que*” *acompanha sempre «conjuntivo», porque manifesta a incerteza, excepto quando proferida em tom interrogativo ou exclamativo, caso em que o «indicativo» sublinha enfaticamente o espanto perante uma contradição. Infelizmente, a explicação apenas se aplicaria ao estado de língua contemporâneo do P<sup>e</sup>. António Vieira ou até seria uma mera característica do estilo deste autor.*

<sup>7</sup> Alguns autores, como por exemplo R.K. Spaulding citado por Williams (1938: 188), defendem a existência dum infinitivo pessoal não flexionado no espanhol moderno nas construções tipo *Acabó la porfía por encerrarse el padre y el hijo en la habitación de éste*.

<sup>8</sup> Cf. Klaus Böckle, “Para uma análise semântica do emprego dos modos nas orações ilativas iniciadas por *daí que* e semelhantes correlativos em português contemporâneo” em Herculano de Carvalho & Schmidt-Radefeldt (1984: 52). O Autor afirma que chegou a demonstrar que nas formas do infinitivo pessoal se encontram neutralizadas as oposições entre os modos indicativo e conjuntivo. No entanto, o infinitivo costuma empregar-se com maior frequência nas construções onde apareceria o conjuntivo, o que fica constatado por Wolf Dietrich citado por Martins Ferreira (1984: 384): *l’infinitif personnel ou infléchi contient aussi le morphème de la personne et est, par conséquent, encore plus qu’il s’emploie souvent dans les mêmes constructions que le subjonctif, bien que les Portugais donnent la préférence à l’infinitif personne*. Temos de acrescentar aqui, no entanto, que estas “analogias” não são absolutas, pois o infinitivo não pode substituir o conjuntivo em todas as situações possíveis do emprego deste.

aparecer reforçados pelas formas do indicativo com as quais formam conjuntos semânticos. Este modo, a julgar pelas conclusões anteriores, é o mais coerente com as ideias téticas. Vejamos, então, se na língua portuguesa existem casos de alternância modal com valor significativo:

62. *Mas os cientistas estão convencidos de que também há genes defeituosos envolvidos* (V 561: 114).
63. *A verdade é que o programa desempenhou um importante papel* (V 561: 128).
64. *É inegável que este não foi um episódio bonito e que levanta várias questões essenciais ao nível do funcionamento da EU* (V 561: 156).
65. *[...] é evidente que a primeira reação é abandoná-la* (V 505: 20).
66. *Não há dúvidas de que as expectativas em relação ao evento são altas* (V 505: 57).
67. *A população garante que, para os ocidentais, «os talibans são fantasmas»* (V 709: 77).
68. *Os produtores disseram que não podiam lançar um filme tão triste* (V 709: 157).
69. *Mas os indícios preliminares sugerem que a verdadeira vantagem, pelo menos para os tornozelos, é bioquímica [...]* (V 510: 105).
70. *[...] Isabel Ribeiro [...] insiste que tudo não passa ainda de um sonho* (V 600: 83).

Opinamos que o facto de estarmos aqui perante as formas do indicativo não requer mais explicações, pois, como já referimos, a expressão de conhecimentos e de acções concretas, verdadeiras ou específicas é a função principal deste modo. Assim, o locutor compromete-se com a veracidade da informação transmitida.

Os exemplos (67)–(70) merecem um comentário adicional. Apesar de aparecerem no nosso *corpus* com as formas do indicativo, admitem também o conjuntivo. Neste último caso, todavia, o seu semantismo muda completamente. O verbo principal deixa de poder ser interpretado como um verbo de língua que serve apenas para introduzir uma informação, tornando-se um verbo de ordem, sugestão, etc., isto é, de influência que o falante quer exercer no ouvinte, como em:

71. *Os produtores disseram que não lançassem um filme assim, tão triste* (FN).

Observámos, então, que nestes casos particulares a escolha modal exerce influência significativa dentro do conjunto semântico formado pelo elemento introdutório e pela forma modal.

Apesar da visível preferência pelo indicativo, encontrámos um exemplo do uso do conjuntivo no nosso *corpus*:

72. *[...] ninguém duvida de que “The Children of Hurin” se torne rapidamente num best-seller* (V 709: 162).

Considerámos difícil explicar esta situação. No entanto, parece-nos possível aplicar aqui a regra de distanciamento por parte do locutor em relação à veracidade do conteúdo da subordinada, seja por achar este compromisso pouco significativo para o conteúdo do enunciado, seja por não possuir conhecimentos suficientes acerca dele. O falante pode também fazer referência a uma informação anteriormente mencionada e já conhecida por parte do ouvinte. Assim, a oração perde o seu valor informativo o que realmente acontece no exemplo (72).

Resumindo, nas chamadas orações “independentes”, onde a forma modal forma um conjunto inseparável com o advérbio, registámos divergências entre as duas línguas. Assim, no espanhol, os advérbios analisados admitem tanto as formas do indicativo

como as do conjuntivo e a função principal da alternância modal é a marcação do grau de intensidade da probabilidade ou dúvida. Com o indicativo a acção revela-se mais provável de ser cumprida e o falante aproxima-se de uma afirmação, adicionando o valor informativo. O conjuntivo diminui o grau de probabilidade.<sup>9</sup> Por conseguinte, podemos empregar aqui o critério de atitude mental. O falante faz uma interpretação do conteúdo do enunciado e decide qual é o grau de incerteza que lhe vai atribuir. Assim, o emprego de um ou de outro modo não depende da probabilidade real do cumprimento da acção mas da interpretação subjectiva do locutor. Daí resulta o papel fundamental da atitude mental.<sup>10</sup> Uma excepção pode ser a expressão *a lo mejor* acompanhado sempre das formas do indicativo.

Na língua portuguesa, no entanto, predominam as regras de coerência modal, pois cada advérbio tem as próprias “preferências” modais, não se tendo observado nenhum caso de alternância modal. Na maioria dos casos, o falante decide apenas que advérbio quer empregar, seguindo logo as regras de regência. Por conseguinte, o emprego de um ou de outro modo não depende da probabilidade real do cumprimento da acção, nem da atitude mental do locutor.

Tanto no espanhol, como no português, existem situações nas quais a posição do advérbio dentro da oração reflecte as intenções do locutor e, por conseguinte, relaciona-se com a escolha modal. Estes exemplos são considerados por muitos autores como difíceis de explicar.

Nas orações subordinadas de probabilidade e dúvida, por sua vez, a alternância modal é admissível em ambas as línguas em poucos casos onde provoca mudanças significativas. O conjuntivo realça vários graus de probabilidade formando conjuntos semanticamente inseparáveis com verbos ou expressões das orações subordinantes. A atitude do falante mostra-se relevante na escolha do verbo ou da expressão da subordinante e na ênfase dos seus valores por meio das formas do conjuntivo.

No caso das orações de certeza e conhecimento costuma-se dizer que a escolha modal é condicionada pelas regras sintácticas, isto é, certos verbos e certas expressões “preferem” ou até exigem emprego de determinadas formas modais. O falante faz avaliação dos factos referidos de acordo com os próprios conhecimentos e decide se a função da sua enunciação vai ser informativa. Ao escolher, por exemplo, um verbo ou uma construção copulativa de certeza o locutor já se compromete com a veracidade da mensagem que transmite e, por conseguinte, utiliza o modo indicativo que corresponde da melhor forma ao significado dos elementos introdutórios. O indicativo emprega-se até quando o falante afirma que o conteúdo da oração é verdadeiro embora não o faça o sujeito. O conjuntivo, por sua vez, coloca a informação na posição temática, apresentando-a como pouco relevante, pouco conhecida pelo falante ou já

---

<sup>9</sup> Em várias fontes afirma-se, no entanto, que não existe nenhuma diferença no espanhol entre as frases: *Quizá vendrá mañana* (FN) e *quizá venga mañana* (FN) o que é um dos casos de neutralização da oposição modal indicativo / conjuntivo (toda a carga modal é expressa pelo *quizá*). Além disso, em alguns contextos as formas do futuro do indicativo equivalem semanticamente às do presente do conjuntivo.

<sup>10</sup> Seguindo este pensamento, podíamos constatar que o emprego dos modos influencia semanticamente os advérbios e, por exemplo, o advérbio *tal vez* torna-se mais fraco quando procedido do indicativo e mais forte quando procedido do conjuntivo.

conhecida por parte do ouvinte. Além disso, em alguns casos a escolha modal influencia semanticamente o primeiro elemento do conjunto e a frase toda.

## BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA VIEIRA DOS SANTOS Maria Joana DE, 2003, *Os usos do conjuntivo em língua portuguesa*, Lisboa: FCG e FCT.
- BOSQUE Ignacio (ed.), 1990, *Indicativo y subjuntivo*, Madrid: Taurus Universitaria.
- BOSQUE IGNACIO, DEMONTE Violeta, 1999, *Gramática descriptiva de la lengua española*, Madrid: Espasa.
- FONSECA Fernanda Irene, 1970, *Para o estudo dos valores do conjuntivo em português moderno*, Coimbra: FLUC.
- HERCULANO DE CARVALHO José G., SCHMIDT-RADEFELDT Jürgen, 1984, *Estudos de linguística portuguesa*, Coimbra: Coimbra Editora.
- HERNÁNDEZ ALONSO Cesar, 1996, *Gramática funcional del español*, Madrid: Gredos.
- HUB FARIA Isabel, 1974, *Conjuntivo e a restrição da frase-mais-alta*, Lisboa: Centro de Estudos Filológicos.
- MANTECA ALONSO-CORTÉS Ángel, 1981, *Gramática del subjuntivo*, Madrid: Ediciones Cátedra S.A.
- MARTINS FERREIRA Paulo, 1984, Algumas considerações sobre o conjuntivo nas línguas românicas, in: *Estudos de linguística portuguesa*, J.G. Herculano de Carvalho & J. Schmidt-Radefeldt (eds.), Coimbra: FLUC, pp. 257–392.
- MOLHO Maurice, 1975, *Sistemática del verbo español*, Madrid: Editorial Gredos.
- PORTO DAPENA José Alvaro, 1991, *Del indicativo al subjuntivo*, Madrid: Arco/Libros S.A.
- QUITEIRA PIRES Maria da Conceição, 1998, *A consecutio temporum no português contemporâneo*, Coimbra: FLUC.
- WILLIAMS Edwin Bucher, 1938, *From Latin to Portuguese. Historical Phonology and Morphology of the Portuguese Language*, Oxford: Oxford University Press.

## ABREVIATURAS UTILIZADAS NAS CITAÇÕES

CM – *Conozca Más*; FN – *Falante Nativo*; G – *Geo*; MI – *Muy Interesante*; MH – *Muy Historia*; P – *Proceso*; Q – *Quo*; V – *Visão*; Vér – *Vértigo*

## Summary

*Spanish and Portuguese verbal moods  
in the expression of probability, doubt, certainty and knowledge*

The principal purpose of the essay is to propose a model of analysis of the modal alternation and the role of the indicative and subjunctive forms in the expression of probability, doubt, certainty and knowledge in the Spanish and Portuguese languages. The analysis is made separately for the two languages following analogical schemes. The examples are divided according to the structure of the inseparable groups of a modal significance (*adverb + verb*; *verb + verb*, etc.). The article includes semantic, syntactic and pragmatic criteria of analysis by emphasizing the role of the mental attitude of the speaker and the modal coherence.

## Streszczenie

### *Hiszpańskie i portugalskie tryby czasownika w wyrażaniu prawdopodobieństwa, wątpliwości, pewności i wiedzy*

Celem pracy jest zaproponowanie modelu analizy roli procesu wymiany modalnej form trybów *indicativo* i *conjuntivo / subjuntivo* w wyrażaniu prawdopodobieństwa, wątpliwości, pewności i wiedzy w językach hiszpańskim i portugalskim. Analiza jest przeprowadzona według tego samego schematu, osobno dla obu języków. Przykłady zostały pogrupowane zgodnie ze strukturą nierozdzielnych członów o znaczeniu modalnym (*przysłówek + czasownik; czasownik + czasownik*, etc.). W celu przeprowadzenia analizy wykorzystuje się kryteria semantyczne, syntaktyczne i pragmatyczne, a mianowicie podkreśla się rolę stosunku mówiącego do treści wypowiedzi oraz koherencji modalnej.